

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,
RESISTÊNCIA E
DIFERENCIAÇÃO
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908 1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I.Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série. CDD 306
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2421909081	
CAPÍTULO 2	18
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
Daiane Glaucia de Oliveira	
Samuel Klauck	
DOI 10.22533/at.ed.2421909082	
CAPÍTULO 3	26
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
Danilo Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909083	
CAPÍTULO 4	43
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
Luana Nascimento Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909084	
CAPÍTULO 5	54
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.2421909085	
CAPÍTULO 6	72
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
Danilo Morae Lobo	
Auterives Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.2421909086	
CAPÍTULO 7	81
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
Gildete Paulo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2421909087	
CAPÍTULO 8	90
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
Marcos Diones Ferreira Santana	
Emeli Susane Costa Gomes	
Luciana Edilena Santos Guimarães	
Ana Daiane Lopes Costa	
Jarlei Dominique Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2421909088	

CAPÍTULO 9	101
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
DOI 10.22533/at.ed.2421909089	
CAPÍTULO 10	105
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
DOI 10.22533/at.ed.24219090810	
CAPÍTULO 11	117
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes Milene de Cássia Silveira Gusmão	
DOI 10.22533/at.ed.24219090811	
CAPÍTULO 12	127
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
DOI 10.22533/at.ed.24219090812	
CAPÍTULO 13	135
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli André Boccasius Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090813	
CAPÍTULO 14	142
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090814	
CAPÍTULO 15	152
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
DOI 10.22533/at.ed.24219090815	
CAPÍTULO 16	164
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes Edson Silva de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.24219090816	

CAPÍTULO 17	175
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.24219090817	
SOBRE A ORGANIZADORA	196
ÍNDICE REMISSIVO	197

SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES

Fernanda Santos de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano

Universidade Federal da Bahia

Salvador, Bahia

RESUMO: No âmbito desta pesquisa, foram analisados cordéis biográficos da coletânea intitulada “Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis”, publicada em 2017, de autoria de Jarid Arraes, escritora de Juazeiro do Norte, do estado do Ceará. Como objetivo pretende-se propor uma abordagem com ênfase na relação entre a literatura, a cultura, a memória e as sensibilidades humanas. Narrativas que ao recontarem lembranças e visibilizarem esquecimentos transformam os afetos da recordação em histórias, traçando enredos por meio da literatura de cordel que carrega as marcas da partilha de experiências. São memórias que visibilizam histórias não contadas e não narradas. A cada página virada do folheto de cordel, a luz pulsante e intermitente de uma nova história. A partir da análise dos agenciamentos memorialísticos presentificados nas narrativas dos cordéis biográficos, conclui-se que Jarid Arraes empreende uma poética da memória que traduz narrativas e subjetividades outras.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, memória,

literatura, Jarid Arraes.

SENSIBILITIES OF REMEMBERING AND FORGETTING IN THE MEMORY-CORDEL OF JARID ARRAES

ABSTRACT: In the scope of this research, biographical cordel of the collection entitled “Brazilian Black Heroines: in 15 Cordel”, published in 2017, by Jarid Arraes, writer of Juazeiro do Norte, Ceará state, were analyzed. The objective is to propose an approach with emphasis on the relationship between literature, culture, memory and human sensibilities. Narratives that in recounting memories and making visible forgetfulness transform the affects of remembering into stories, tracing plots through cordel literature that carries the marks of sharing experiences. These are memories that tell stories that are not told and not narrated. To each turned page of the cordel booklet, the pulsating and blinking light of a new story. From the analysis of the memorialistic presentified in the narratives of the biographical cordel, it is concluded that Jarid Arraes undertakes a poetics of memory that translates narratives and other subjectivities.

KEYWORDS: Culture, memory, literature, Jarid Arraes.

1 | PALAVRAS INICIAIS POR UMA POÉTICA DA MEMÓRIA

Jarid Arraes é uma mulher que faz. Faz uma poética da memória com toda a movência dos processos criativos, lampejando vidas e resistências. Seria Jarid um vaga-lume vagando por narrativas errantes e lumiando fragmentos de uma nova história? É a partir desta perspectiva que este artigo tem por objetivo propor uma nova abordagem da obra de Jarid Arraes a partir da análise dos cordéis “Carolina Maria de Jesus” e “Maria Firmina dos Reis” com ênfase na configuração de uma poética da memória, a partir das contribuições de Aleida Assmann, a respeito das imbricações entre memória, escrita e esquecimento, e da noção de sobrevivência considerando a metáfora dos vaga-lumes de Didi-Huberman.

Jarid Arraes, escritora, poeta e cordelista de Juazeiro do Norte, do estado do Ceará, narra a biografia das também escritoras Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis apresentando-as como protagonistas da arte do fazer literário. Entre o lembrar e o esquecer, seria Jarid um vaga-lume vagando por narrativas errantes e lumiando fragmentos de uma nova história? A cordelista apresenta uma nova versão para a história de mulheres negras, como Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Maria Firmina dos Reis, dentre outras, evidenciando os silenciamentos dos discursos oficiais.

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que as narrativas de cordéis biográficos configuram-se como uma poética da memória com toda a movência das sensibilidades de mulheres que lampejam vidas e resistências. Por isso, a importância de verificar como a literatura de cordel de autoria feminina posiciona-se nesse jogo de forças no qual a linguagem se constitui como uma ferramenta que pode ser usada para manutenção do modelo hegemônico ou para contrapor-se aos discursos da exclusão. Problematizar os discursos oficiais e sobre quais histórias sobre a cultura são reproduzidas por meio da representação é primordial no trabalho com a linguagem literária pelo fato de se configurar como um possível instrumento de dominação na tentativa de impor uma hegemonia cultural a partir da negação de vozes múltiplas que lutam por espaços de legitimação social enfatizando o quanto a linguagem constitui-se como um campo de luta política.

2 | UM VERSEJAR MEMORIALÍSTICO EM UM GRITO QUE NÃO ENTALA

Se a tarefa da literatura corresponde à escrita de “um povo que falta”, conforme Deleuze, Jarid Arraes está cumprindo sua missão literária. Quanto à Carolina, a cordelista aconselha: “Recomendo que pesquise/ Muito mais dessa escritora / Que era mãe, era poeta/ Era forte inspiradora/ E ainda era uma artista/ Com talento de cantora.”(ARRAES, 2017, p. 41).

Apesar dos discursos oficiais apresentarem a escritora como uma voz dissonante no campo literário, Jarid Arraes a apresenta como “uma imensa inspiração”

e “uma força grandiosa”. A cordelista evidencia que há muitas faces da escritora que ainda não foram devidamente pesquisadas, enfatizando questões vinculadas à maternidade, à produção literária e ao talento musical. E, assim como Maria Carolina de Jesus, são múltiplas as vozes que destoam da tradição literária e disputam por espaços de legitimação social. Vozes que faltam nos meios de produção discursiva. Sobre Carolina, Jarid enfatiza a sua importância enquanto escritora brasileira que:

Por racismo e elitismo

Pouco dela hoje se fala

Mas tamanho preconceito

Seu legado jamais cala

É por isso que eu lembro

E meu grito não entala.

Carolina é um tesouro

Para o povo brasileiro

É orgulho pras mulheres

Para o povo negro inteiro

Referência como exemplo

De valor testamentário.

(ARRAES, 2017, p. 42)

Das referências de âmbito individual, Jarid Arraes alarga a narrativa para uma dimensão coletiva. Em “pouco dela hoje se fala”, é notório o tom de denúncia ao apresentar o “racismo” e o “elitismo” como suas causas, remetendo sua biografia à uma narrativa do grito e da problematização por meio de um tom fundamentalmente político. É o “tamanho preconceito” que tenta sufocar o seu “legado”, mas enquanto “forte inspiradora” e “referência” a escritora agencia outros coletivos, sua vida está interligada à vida de um povo. Os cordéis de Jarid Arraes constroem narrativas que se contrapõem aos silenciamentos de mulheres e, sobretudo, de mulheres negras nos discursos oficiais e, portanto, são imprescindíveis para provocar a discussão a respeito das concepções que norteiam o campo literário. Muitas vezes, a definição dominante de literatura corresponde às expressões de alguns grupos e não de outros, o que já se configura como um fator de exclusão.

Nesse sentido, é preciso refletir sobre os critérios de valoração do que é literário, a que e a quem servem e como estes se mantêm ao longo dos tempos de modo

a questionar os parâmetros de análise estética que refletem exclusões históricas. Sobre Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira e também compositora e poeta, Jarid Arraes ressalta que:

No entanto, me revolta
O nojento esquecimento
Pois nem mesmo na escola
Nem sequer por um momento
Eu ouvi falar seu nome
Para o reconhecimento.
Como pode algo assim?
Se a história ela marcou
Por que não falamos dela
Nem do que ela conquistou?
É terrível a injustiça
Que a escola maculou.
(ARRAES, 2017, p.111)

É notório como a cordelista questiona o esquecimento de Maria Firmina nos discursos oficiais e, inclusive, na escola. Apesar da escritora representar um marco para a literatura brasileira por meio da escrita de um novo gênero, o romance, as relações de poder instituídas por uma sociedade extremamente preconceituosa e racista anularam as marcas da escritora, mulher e negra, da nossa historiografia oficial. Sua escrita carregava em si a ameaça de um sistema vigente – a sociedade escravista em pleno século XIX. Pioneira no gênero romance e na abordagem antiescravista, Maria Firmina “sempre forte e ativista/ assumia toda luta/ sem temer nenhum racista” (ARRAES, 2017, p.110).

Os cordéis de Jarid Arraes constituem-se como novas vozes que ecoam perspectivas diferenciadas exigindo significados próprios que reafirmem o olhar de dentro em contraponto às visões estereotipadas que demarcam as desigualdades e os preconceitos. Alargar as noções de literatura enquanto lugar de memória cultural, a partir da análise de cordéis pode contribuir para a emergência de descentramentos epistemológicos e para o questionamento dos parâmetros de valoração estéticos possibilitando a legitimação de poéticas dissonantes por meio de tensionamentos do

cânone:

A escrita como metáfora da memória é tão indispensável e sugestiva quanto extraviadora e imperfeita. A presença permanente do que está escrito contradiz ruidosamente, no entanto, a estrutura da *recordação*, que é sempre descontínua e inclui necessariamente intervalos da não presença. (ASSMANN, 2011, p. 166)

Quais são as condições da escrita literária de Jarid Arraes enquanto metáfora da memória no “território contestado” – expressão empregada por Dalcastagnè - da literatura brasileira? Quais são as vozes presentes em seu versejar? De que modo sua escrita expõe os “extravios” dos discursos hegemônicos? É preciso analisar como se configura a “presença permanente” em sua escrita em contraponto às ausências permanentes na tradição literária.

Em “inda mil e novecentos” e em “pra gente miscigenada”, Arraes emprega, em sua escrita literária, marcas da oralidade como um dos recursos estéticos que ressoam as vozes mediatizadas pelo suporte impresso. Além disso, o uso de “inda” e de “pra” é um dos mecanismos adotados pela cordelista para possibilitar o ritmo e a métrica característicos da literatura de cordel explorando o potencial e a intensidade do vocabulário:

No caso da literatura de folhetos, a influência da escrita dá-se de modo parcial, pois nela as marcas da oralidade se afirmam, e a força da voz viva se impõe de modo indelével. No espaço cambiante da oralidade/escritura, distingue-se um movimento textual transgressor, uma vez que o texto escrito transgride o espaço da escritura, ultrapassa-o, sai dos limites do papel, move-se e aspira a se fazer voz. (MATOS apud MENDES, 2010, p. 16)

Apesar de preservar algumas características da tradição, ao se apropriar da literatura de cordel Jarid Arraes rasura as fronteiras do campo literário pelo fato de ainda se constituir um espaço que tem visibilizado produções de autoria masculina. Mesmo admitindo ser influenciada pelos cordelistas e xilogravadores Abrão Batista, seu avô, e Hamurabi Batista, seu pai, Jarid Arraes enquanto mulher negra irrompe a força da tradição masculina contribuindo para o fortalecimento da escrita literária de autoria feminina. Em entrevista concedida para CartaCapital, a autora afirmou que escreve para honrar sua ancestralidade, demonstrando sua preocupação com a morte da tradição do cordel na família após a morte do seu avô e do seu pai.

Portanto, é preciso reconhecer a dimensão política dos cordéis biográficos de Jarid Arraes, uma vez que os significados que são veiculados estão intrinsecamente vinculados às questões de poder. Situada em um campo que é marcado por valorização e privilégio, a literatura na medida em que permite a representação do outro exerce seus domínios funcionando como um dos mecanismos sociais que distinguem e excluem. Conforme Le Goff (1996, p. 33), “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. E nesse jogo de forças, quem são os “senhores da memória e do esquecimento”?

A literatura brasileira privilegia a representação de um grupo social específico: personagens brancas, do sexo masculino e das classes médias. Aos demais grupos são construídos estereótipos que reproduzem padrões de exclusão. Autores pertencentes aos grupos marginalizados apresentam-se como vozes isoladas cuja condição de autoria é apagada pelo fato de não serem legitimados e autorizados socialmente para exercer a arte literária. Dessa forma, são instituídos e impostos os silêncios, as anulações e os apagamentos.

Representar é um ato político e a literatura precisa expressar vozes dos mais diversos grupos sociais veiculando distintas percepções do mundo. Porém, a literatura brasileira consagrada por instâncias legitimadoras é marcada por ausências. Por isso, a importância de compreender como a literatura de cordel de autoria feminina posiciona-se nesse jogo de forças. Dalcastagnè (2012, p. 7) enfatiza que “todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa”. A linguagem é uma ferramenta que pode ser usada para manutenção do modelo hegemônico ou para contrapor-se aos discursos da exclusão. Problematicar os discursos oficiais e sobre quais histórias sobre a cultura são reproduzidas por meio da representação é primordial no trabalho com a linguagem literária enquanto campo de luta política.

O triângulo das tessituras biográficas das heroínas desenhado por Jarid é interligado a outros triângulos que inserem a narrativa em um programa político. As fronteiras entre o individual e o político transbordam-se. Sobre Carolina, Arraes (2017, p. 37) enfatiza que “essa é uma escritora/ que já foi ignorada”. Pensar sobre os motivos que levaram ao apagamento da escritora é reconhecer o campo literário como uma arena de disputas políticas. Carolina como uma mulher e negra destoa do perfil de autores consagrados: homem, branco, de classe média e dos meios de produção discursiva. A escritora, portanto, rasura as fronteiras do cânone ao instituir outras subjetividades.

E a memória, portanto, encontra-se “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. (NORA, 1993, p. 10). Ao trazer para a literatura as memórias de Carolina, Arraes (2017, p. 37) contextualiza historicamente as memórias de dor e da sensibilidade de uma época em que “pouco tempo se passava/ desde o fim da escravidão /e, portanto, o que existia/ era a dor da servidão /o racismo dominava/ espalhando humilhação”. Com um tom de denúncia, Arraes (2017, p. 38) ressalta que a mãe de Carolina era solteira e foi pela “igreja excomungada” pelo fato do homem ser casado.

Com a migração para São Paulo, a vida da escritora Carolina foi marcada por batalhas e lutas diárias. Carolina experienciou um contexto de sofrimentos, mas a escritora encontrou na literatura sua forma de resistência: “o que mais ela gostava/ era ler, era escrever/ sendo maior passatempo/ e registro do viver/ nas palavras mergulhava/ para assim sobreviver” (ARRAES, 2017, p. 38). A narrativa de Arraes

reúne fragmentos de memórias que foram anuladas pelo patriarcado. Vozes que foram sequestradas e trancafiadas em porções da opressão, mas que resistiram.

A sobrevivência na escrita. Assim, Carolina registrou o seu viver e encontrou forças para mobilizar olhares em torno do seu grito de denúncia em favor de um povo. E esse transbordamento do individual para o político é notório também na escrita de Arraes ao rememorar os traços biográficos de Maria Firmina, que nasceu em São Luís, do estado Maranhão, no contexto da escravidão. Arraes (2017, p. 108) ressalta que: “uma forma que encontrou / pra política exercer/ foi na arte literária / que ela veio a escrever / contos, livro e poesia/ tudo pronto pra se ler”.

E, mais uma vez, Arraes (2017, p. 109) potencializa a arte literária enquanto exercício político. “Trabalhou suas palavras/ mesmo sendo clandestina”, assim a cordelista problematiza em seus versos o quanto a literatura tem sido um campo restrito a um grupo específico ao determinar perversamente que “a primeira romancista/ que foi negra e nordestina” (ARRAES, 2017, p. 109) se situa como uma voz dissonante. É o deslocamento de lugares sedimentados e controlados pelo patriarcado de modo a contornar e desestabilizar suas balizas, de modo que “não se considera mais a memória como vestígio e armazenamento, e sim como uma massa plástica que é sempre reformulada sob as diferentes perspectivas do presente”. (ASSMANN, 2011, p. 170).

Biografias que remetem a uma individualidade vinculada a uma enunciação coletiva. Sobre Carolina, Arraes (2017, p. 40) considera que a importância de sua obra reside na “vil realidade” que expõe com todas as suas feridas cidadinas. A cordelista rememora a biografia de Carolina amalgamando-a com as sensibilidades memorialísticas que se reportam a um coletivo e manifesta as possíveis razões dos silenciamentos aos quais foram impostos à produção de Carolina: “mas aí já não gostaram/ por imensa hipocrisia/ pois Carolina contava/ os males da burguesia/ e o amargo esquecimento/ logo mais se chegaria” (ARRAES, 2017, p. 41). Com um tom revolucionário, Arraes denuncia a hipocrisia e os males de uma sociedade elitista que entre sabores e dissabores amargos relega o “outro” ao apagamento.

Arraes (2017, p. 107) também corrobora para o agenciamento da enunciação coletiva ao renegar o termo “mulata” para “gente miscigenada” e reconhecer Maria Firmina como negra, “sendo assim bem nomeada”. Por meio de seus versos, portanto, Arraes apresenta traços biográficos de Maria Firmina reportando-se a uma questão relacionada aos grupos historicamente estigmatizados. E, assim, problematiza como o racismo e o preconceito estão impregnados no próprio uso da língua com todos os seus perversos tons pejorativos e ofensivos.

Maria Firmina defendia o fim da escravidão sob um pseudônimo, fazendo da escrita às escondidas uma estratégia de resistência e sobrevivência: “porque de dificuldades/ sua vida foi inteira/ até mesmo pseudônimo/ foi sua opção primeira/ como “Uma Maranhense”/ assinou sua trincheira” (ARRAES, 2017, p. 109). Como vivia num contexto de privilégios para quem era “branco e rico”, a sociedade não reconhecia a

escrita da mulher negra. “Que tristeza saber disso/ era um tempo tão machista/ mas a nobre professora/ sempre forte e ativista/ assumia toda luta/ sem temer nenhum racista” (ARRAES, 2017, p. 110). Fazendo da escrita a sua trincheira, Maria Firmina subverteu o sistema denunciando-o por meio de uma voz que ressurgia do anonimato.

A escrita da resistência de Maria Firmina traduz memórias e sensibilidades da mulher, negra e escritora. Arraes (2017, p. 112) cordeliza a profundidade de sua obra: “é por isso que eu faço/ no cordel a correção/ que conheça a Firmina/ um orgulho pra nação/ e que espalhem sua obra/ que desperta o coração”. Os cordéis-memória são a expressão de agenciamentos e de forças. Literatura que possibilita inserir a produção de Jarid Arraes em um campo que rasura as fronteiras do cânone e problematiza os critérios valorativos da crítica literária tradicional. Nas imbricações entre a literatura, a cultura e a memória, Jarid potencializa suas narrativas numa rede de devires. O devir-cordelista da mulher, o devir-mulher da cordelista. Sua opção é se apropriar de sua maneira singular de investir no fazer literário.

As narrativas poéticas de Jarid Arraes implicam um deslocamento por desviarem do padrão e promoverem fissuras no campo literário. Literatura dissidente marcada por fragmentos de memórias que propõem outros agenciamentos. Memórias de enfrentamentos e de contestação de uma história única, legitimada e hegemônica. Nesse sentido, “desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram *todos*? Emitem ainda – mas de onde? - seus maravilhosos sinais intermitentes? [...] *apesar do todo* da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes?” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 45). Na obra, o autor faz alusão ao sonho como uma imagem que se sobressai como a luz de um vaga-lume. No cordel de Arraes, é construída a imagem de Carolina como a escritora que sonhava com melhores condições de vida. E a escrita representava um instrumento de mudança e de ampliação de perspectivas.

Como “*os tempos se tornam visíveis*, assim como a própria história nos aparece em um relâmpago passageiro” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 46). Eis a sobrevivência dos vaga-lumes de Didi-Huberman que agora reaparecem iluminando estas linhas. Vaga-lumes que visibilizam histórias não contadas, não narradas. Biografias que reaparecem nas narrativas dos cordéis. A cada página virada do folheto de cordel, a luz pulsante e intermitente de uma nova história. Memórias de um agenciamento coletivo de sonhos e de desejos, de resistências e de sensibilidades.

Desaparecimento e reaparição de memórias que resistem como os vaga-lumes sobrevivem aos projetores artificiais. Os cordéis biográficos de Jarid Arraes, assim como uma comunidade luminosa de vaga-lumes, lampejam no presente a sobrevivência de mulheres que resistiram a truculência dos projetores da historiografia oficial, efetuando uma dança entre o lembrar e o esquecer como vaga-lumes na escuridão. De que forma os agenciamentos memorialísticos de Jarid Arraes relacionam-se com as sobrevivências dos vaga-lumes?

Assim como existe uma literatura menor – como bem o mostraram Gilles Deleuze e Félix Guattari a respeito de Kafka -, haveria uma luz menor possuindo os mesmos aspectos filosóficos: ‘um forte coeficiente de desterritorialização’, ‘tudo ali é político’; ‘tudo adquire um valor coletivo’, de modo que tudo ali fala do povo e das ‘condições revolucionárias imanentes à sua própria marginalização’. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 52)

Apesar do poder do ofuscamento da tradição literária e do patriarcado, as memórias de mulheres carregadas de experiências e de singularidades sobrevivem. Uma literatura menor e uma luz menor que fazem com que palavras e imagens sejam redimensionadas e imbricadas com a política. É o amálgama da literatura, do individual e do político que reitera a compreensão da literatura para além dos seus aspectos estéticos. Se Pasolini, poeta, cineasta e escritor italiano, segundo Didi-Huberman, preocupava-se com o desaparecimento dos vaga-lumes, Arraes verseja memórias a serem partilhadas.

Trata-se da “sobrevivência dos signos ou das imagens, quando a sobrevivência dos próprios protagonistas se encontra comprometida (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 150). As sobrevivências atuam nas resistências ofuscadas das narrativas insubmissas e nas memórias de enfrentamentos e de contestação de uma história única, legitimada e hegemônica. Lampejos intermitentes de vidas e “imagens-vaga-lumes” da contestação. Enfim, cordéis-vaga-lumes.

Sim, cordéis-vaga-lumes. Quem estaria ofuscando os seus lampejos? Segundo Didi-Huberman (2011, p. 155), vivemos entre dois mundos: “o primeiro está inundado de luz, o segundo atravessado por lampejos”. No centro, uma voz hegemônica propaga que são as estrelas e, nas margens, “através de um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco, logo, para os quais uma contrainformação parece sempre mais necessária.” O cânone e as instâncias que legitimam o que é literário fizeram com que os projetores da historiografia oficial não refletissem, por muito tempo, as vidas de Carolina e de Maria Firmina, dentre tantas outras vidas.

3 | CONCLUINDO COM UM PULSAR INTERMITENTE DE CORDÉIS-MEMÓRIA

Arraes, Carolina e Maria Firmina escreveram literariamente palavras de contraponto. São literaturas que visibilizam. São cordéis que lampejam. Desse modo, os cordéis de Jarid Arraes demonstram o potencial artístico da literatura de cordel contemporânea de autoria feminina e suas contribuições para visibilidade e fortalecimento das múltiplas perspectivas identitárias e culturais. Narrativas que carregam em si um discurso desestabilizador ao empreenderem novos olhares para a história e ao alargar as fronteiras do campo literário visibilizando vozes anuladas pelo discurso hegemônico e disseminando expressões múltiplas por meio da arte da palavra.

A voz do povo traz em si sua memória, suas verdades e perspectivas por meio de

outros modos de ver e de se expressar literariamente. Perspectivas outras que trazem novos olhares e significados peculiares daqueles que têm a sabedoria popular imersa nas entranhas das experiências cotidianas que atravessam espaços e tempos, exigindo um alargamento de concepções para além do encerramento em si mesmas para que seja possível abarcar a multiplicidade de perspectivas e de recursos expressivos.

Os cordéis-memória veiculam a contrainformação oportunizando outras possibilidades de leitura. A literatura de Arraes é a voz da mulher negra amplificando vidas e memórias e explorando o poder desestabilizador da palavra. Vidas e memórias que se fazem múltiplas. Portanto, podemos concluir que Jarid Arraes por meio da sua arte de cordelizar soube expressar sensibilidades intrínsecas no jogo do lembrar e do esquecer. Vidas de mulheres negras enquanto protagonistas da história são presentificadas na poética de Jarid Arraes, marcada por linhas intermitentes que friccionam a tradição e o cânone. Agora, peço licença aos vaga-lumes para encerrar estas linhas e para que possam lampejar outras narrativas e subjetividades outras. Afinal, as armadilhas de ofuscamento são perversas, mas o sonho da sobrevivência resiste.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Heróinas negras brasileiras**: em 15 cordéis. São Paulo: Pólen, 2017.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Kafka**: para uma literatura menor. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LE GOFF, Jacques. **Enciclopédia Enaudi. Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MATOS, Edilene. Literatura de Cordel: Poética, Corpo e Voz. In: MENDES, Simone (Org.). **Cordel nas Gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

VALEK, Alek. (2016). **Jarid Arraes**: “escrevo para honrar minha ancestralidade”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/jarid-arraes-201cescrevo-para-honrar-minha-ancestralidade201d>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

I

Identidade 25, 127, 130

L

Liberdade 98, 185

M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

R

Realidade 88

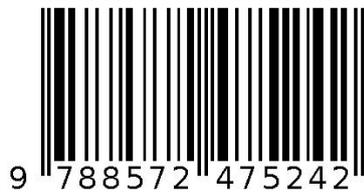
Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

S

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242